

Este (primeiro) número

Maria Helena Serôdio

Uma publicação como esta é uma aventura desejada há muito pelos críticos de teatro reunidos na sua Associação Portuguesa, braço entre nós da Associação Internacional de Críticos de Teatro (AICT / IATC). A ousadia, contudo, só foi viabilizada quer pelo novo impulso que a sua reorganização de 2002 potenciou (porque, sem renegar por completo o seu passado, passou a contar com membros mais jovens e dinâmicos), quer pela convergência de esforços com o Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa, onde, de resto, alguns dos seus membros desenvolvem trabalho de investigação e docência.

De ambos os lados se julgou vital criar um espaço de documentação, debate, análise e avaliação do que no campo do teatro – e de outras artes performativas – se vem praticando nas suas múltiplas vertentes criativas, tanto em Portugal (seu vértice maior de interesse e preocupação), como no resto do mundo (onde possamos ir, ou de onde possamos receber colaborações relevantes).

A razão maior de um lançamento como este decorre, em primeiro lugar, da verificação de uma acelerada redução do espaço dedicado ao teatro nos meios de comunicação, o que constitui uma das razões para que a visibilidade desta forma artística fique quase só entregue aos cartazes (ou *spots*) publicitários, a entrevistas de ocasião e a algumas breves notas avaliativas dos poucos críticos de teatro que ainda perduram em alguns jornais.

Por outro lado, o debate teórico, a investigação histórica, o juízo crítico, a problematização da relação do teatro com outras formas de arte são alguns dos assuntos que vêm carecendo, em geral, de espaço editorial próprio onde possam desenvolver-se, contribuindo, como será de desejar, para um enriquecimento da nossa reflexão em torno do teatro e outras artes performativas, mas também com eventuais repercussões na própria qualidade das artes cénicas.

No panorama das publicações periódicas que em Portugal se ocupam de questões ligadas ao teatro há neste momento cinco títulos, de desigual fôlego e de incerta periodicidade, mas que existem, de algum modo, em molduras específicas. Assim, *Adágio*, *Cadernos* e *Artistas Unidos* são revistas ligadas a companhias de teatro (respectivamente CENDREV, Companhia de Teatro de Almada e Artistas Unidos) e, acolhendo embora estudos e materiais diversos, têm, naturalmente, como designio central dar a conhecer as suas produções, os repertórios que seleccionam, as ligações que promovem. Idêntica relação com uma instituição específica tem o jornal *Duas colunas* que o Teatro Nacional S. João do Porto vem assegurando. Um quinto caso – a *Setepalcos* – está ligado à Cena Lusófona e contempla a realidade artística dos países da CPLP.

A circunstância de esta nossa revista poder contar com a colaboração do Centro de Estudos de Teatro (que em 2004 perfaz 10 anos de existência) permite também assinalar o desenvolvimento entre nós do campo científico dos "Estudos de Teatro" ao nível da pós-graduação (cursos de Especialização, Mestrado e Doutoramento), o que se verifica desde meados dos anos 90 do século passado no contexto da Faculdade de Letras de Lisboa. Essa nova especialidade, referida às Humanidades e aos Estudos Artísticos, tem-se traduzido em dissertações de alguma consistência, bem como em diversos trabalhos de investigação que necessitam claramente de um espaço editorial não apenas para dar a conhecer o que se tem feito, mas também para suscitar um mais amplo debate em torno das questões estudadas.

A periodicidade – semestral – por que se optou resulta do ponto de equilíbrio entre o que era o nosso desejo e o que são as nossas verdadeiras possibilidades logísticas e de recursos financeiros. Com efeito, um apoio – modesto – do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas e a contribuição pontual, através de publicidade, por parte de duas instituições (o Instituto das Artes e o Teatro Nacional S. João),

são uma moldura quase insuficiente, mínima em rigor, mas foi quanto bastou neste momento para aí vertermos esta nossa inabalável determinação de dar voz a um pensamento crítico que reivindicamos nosso – atento à pluralidade do campo, conhecedor das modalidades artísticas que no teatro se interceptam, desejoso de dialogar, de questionar, de comprometer-se. E o esforço justifica-se porque consideramos, de facto, imprescindível esta nossa intervenção activa no campo das artes, do saber e da comunicação.

Na sua organização interna designámos um Conselho Redactorial formado por jovens críticos, docentes e investigadores, representativos do trabalho que vem sendo realizado em diversas zonas do país. Relativamente ao seu Conselho Consultivo, é de referir a ampla dimensão nacional e internacional do conjunto de especialistas que apresenta: desde académicos portugueses de renome, que asseguram o estudo do teatro em diferentes universidades do país, a teatrólogos de valor, bem como a críticos de teatro que, em Portugal e no âmbito da Associação Internacional de Críticos de Teatro, representam os críticos do seu país.

Este primeiro número inicia já os 10 “trabalhos” (feitos rubricas) que nos propomos perfazer em cada número e que não apenas representam zonas de estudo, registo e problematização, mas que também ensaiam formas distintas de aproximação à arte e aos profissionais envolvidos na criação.

Escolhemos para o nosso *Dossiê temático* a primeira apresentação pública da renovada Associação Portuguesa de Críticos de Teatro: a atribuição do Prémio da Crítica e das Menções Especiais. A forma como o fizemos, com as declarações críticas de membros do júri a propósito das distinções que merecidamente atribuíamos (e que aqui reproduzimos), foi já sinal inequívoco da seriedade e exigência que colocamos ao nosso trabalho, bem como da atenção com que damos testemunho comprometido do que há a celebrar no teatro em Portugal.

Nas recensões a livros de e sobre teatro (*Leituras*), tal como na crítica a espectáculos (*Passos em volta*) procurámos – na disponibilidade de espaço gráfico e no empenhamento possível de colaboradores – dar (alguma) conta da diversidade enorme do que existe nesses campos. E é essa diversidade que elegemos para análise e reflexão, convencidos que estamos de que alguns dos conceitos com que vulgarmente se estabelecem fronteiras ou enunciam dicotomias tendentes a minorizar um dos termos (o novo vs. o velho, o estabelecido vs. o alternativo, etc.), podem não ser os mais operatórios para dar conta da consistência artística de muitos dos projectos que vão animando o teatro entre nós.

A entrevista plural (*Na primeira pessoa*) a um jovem fazedor de teatro – Pedro Penim – visa tornar mais conhecida a sua actuação no contexto do Teatro Praga e revelar os procedimentos estéticos com que vêm dando corpo às suas criações. Em contraponto (no *Arquivo solto*), elegemos um velho actor oitocentista – Taborda – cuja memória não está esquecida e que é aqui perspectivado em função não apenas de uma nota biográfica, mas também no enquadramento do que foi sendo a fotografia de actor.

Hoje a fotografia de teatro obedece a critérios e exigências muito diferentes e disso damos conta nas escolhas que João Tuna fez a partir do seu vasto e diverso arquivo (*Portefólio*). Entretanto, *De fora* chegam-nos notícias de um espectáculo de Mnouchkine (na pena brilhante de Béatrice Picon-Vallin), bem como de uma revista espanhola de grande qualidade e de fôlego verdadeiramente internacional, e ainda de um livro em alemão sobre teatro que ainda não está disponível em português. E se a rubrica *Em rede* nos conduz por essa outra forma de acedermos a realidades distantes de nós (pela *internet*), os *Estudos aplicados* desenvolvem de forma mais ponderada temas de reflexão que lemos com prazer tanto na escavação historiográfica de Luiz Francisco Rebello, como no fulgor da meditação estética e humana de Georges Banu, como ainda na nota – breve, mas muito esclarecedora – de José Pedro Serra sobre o teatro de Sófocles.

É, assim, com indisfarçável orgulho que aqui nos apresentamos!